

A alternância entre o perfeito e o mais-que-perfeito: metáfora temporal e mudança de ponto de vista¹

単純過去と大過去の交替－時制のメタファー及び視点の移動

Lucila GIBO
ギボ・ルシーラ

ポルトガル語の大過去の意味を表す形式には単純大過去形 (pretérito mais-que-perfeito simples) と複合大過去形 (pretérito mais-que-perfeito composto: ter/haver からなる 2 種類) がある。また、これらの代用形として単純過去形 (pretérito perfeito) が用いられることもあり、書き言葉では 4 つの形式の交替現象が見られる。本稿では『Os Treze Problemas』のコーパスを分析して物語文の中での各形式の出現の仕方を見ていく。まずは形態統語論の観点から見てそれぞれの形式が出現する諸条件について検討し、つぎに特に単純大過去形と単純過去形に焦点を当ててその振る舞いの違いについて検討する。コーパスでは、テンス・アスペクト的に同じ意味を表しているにもかかわらず、単純大過去形と単純過去形の出現する場面や状況が異なっている。これは文レベルの形態統語論的な要因ではなく、テキスト全体に関わる要因によるものである。データを分析すると単純大過去形が用いられているのは特に物語の中で重要度の高い内容が述べられている場面であり、それに対して、単純過去形は重要度の低い内容が語られている場面で現れやすいことが見てとれる。語り手が単純大過去形を用いることによって、「重要なことを述べている」という伝達のサインを聞き手に送り、発話態度の〈緊張度〉を上げているのである。本稿では、Weinrich (1964) の〈説明された世界〉と〈語られた世界〉の緊張度の違いとその時制形式の交替 (時制のメタファー) の概念及び Tenuta (2006,

1 Para realizar este trabalho recebemos o auxílio financeiro de JSPS KAKENHI Grant Number 15K02482, com o qual desenvolvemos a pesquisa intitulada “A contrastive study on the tempo-aspectual systems in the Romance languages” .

2010) の〈視点の移動〉の概念を借りて、単純過去形と対比しながら単純大過去形の〈物語の緊張度を上げる〉テクスチュアルな役割について論じる。

0. Introdução

As gramáticas tradicionais do português associam a expressão de um fato ocorrido no passado antes de outro já passado às três formas do pretérito mais-que-perfeito: o mais-que-perfeito simples, o mais-que-perfeito composto com o auxiliar “ter” e o mais-que-perfeito com o auxiliar “haver”². No entanto, o perfeito, que originalmente expressa simplesmente um fato que ocorreu em algum momento do passado e não a “anterioridade a um ponto de referência passado”, é usado tanto na língua falada quanto na língua escrita como variante do mais-que-perfeito, expressando o mesmo sentido aspecto-temporal (neste caso, o perfectivo-passado).

Neste trabalho, analisaremos o uso alternado dessas formas verbais no português escrito. Em trabalhos paralelos a este, observamos que o uso de uma ou de outra forma pode ser condicionado por fatores morfossintáticos; porém, nem sempre esses são suficientes para explicar o porquê da alternância entre as formas. Ao desenvolver a nossa análise, percebemos que noções de cunho discursivo, como a função comunicativa dos verbos (narrar ou comentar), também interferem na escolha da forma verbal.

Focalizaremos a análise principalmente na forma simples do mais-que-perfeito ao contrastá-la com o perfeito de mesmo valor aspecto-temporal. Nosso objetivo é defender a ideia de que, o primeiro, além de expressar o passado do passado, possui a função discursiva de “elevar a tensão de uma narrativa”. Para isso, fazemos uso da teoria da “metáfora temporal” elaborada por Weinrich (1964), ao mesmo tempo

2 Segundo Cunha&Cintra (2005:455), o *mais-que-perfeito* indica uma ação que ocorreu antes de outra já passada.

que aplicamos a teoria de Tenuta (2006, 2010) sobre “mudança de ponto de vista”. Para a análise, adotamos como corpus o livro *Os Treze Problemas*.

Este artigo será desenvolvido através dos seguintes tópicos: características do corpus; as formas do mais-que-perfeito e do perfeito dentro do corpus; pressupostos teóricos: metáfora temporal e mudança de ponto de vista; diferenças de uso entre mais-que-perfeito simples e perfeito contrassequencial e considerações finais.

1. Características do corpus

Para analisar as formas verbais em questão, adotamos como corpus o livro *Os Treze Problemas*, de Agatha Christie³. O livro é constituído por 13 contos que trazem histórias independentes entre si, nas quais crimes e mistérios ocorridos são contados pelo narrador a fim de que sejam desvendados pelos ouvintes. São, portanto, narrativas basicamente em forma de diálogos nas quais se pode observar uma grande ocorrência das formas verbais do pretérito.

O enredo se desenrola em uma pacata cidade chamada Saint Mary Mead, onde é criado um grupo chamado “O Clube das Terças-Feiras” em que os membros se reúnem para contar histórias de crimes e mistérios não resolvidos. A cada capítulo, um dos participantes, ao qual nos referiremos como “narrador”, conta uma história a ser ouvida pelos demais, que devem encontrar as respostas para os problemas. A personagem principal, Miss Marple, senhora simples que nunca saiu da cidade, surpreende todos por conseguir solucionar todos os mistérios. Diz ela conhecer bem a natureza humana e encontra a solução dos problemas ao compará-los com situações que observa no cotidiano da cidade.

Todos os capítulos se desenvolvem na mesma sequência: exposição

3 Para este trabalho utilizamos a versão em português traduzida por Petrucia Finkler, publicada em 2011. Trata-se, portanto, de uma amostra do português contemporâneo escrito.

do caso, suposições quanto ao mistério a ser desvendado e a revelação da verdade. O mais interessante, e o que nos motivou a realizar esta pesquisa, é o fato de haver maior frequência do mais-que-perfeito simples nas partes da narrativa em que o narrador parece estar destacando fatos relevantes para se aclararem os mistérios.

Nesta pesquisa, examinamos frases soltas de todo o livro para a análise dos fatores morfossintáticos condicionantes, mas para explicar a função discursiva do mais-que-perfeito usaremos principalmente trechos dos capítulos 5 (Motivo x oportunidade) e 10 (Uma tragédia de Natal). Na sequência, veremos primeiramente de que maneira as formas verbais em questão apareceram no corpus.

2. As formas do mais-que-perfeito e do perfeito dentro do corpus

No corpus analisado, verificamos o uso das três formas do mais-que-perfeito, isto é, da forma simples, da composta com o auxiliar “ter” e da composta com o auxiliar “haver”, e também do perfeito com valor de mais-que-perfeito, como explicaremos mais abaixo, o “perfeito contrassequencial”. O primeiro passo da nossa análise foi fazer a contagem da frequência das formas e os números nos mostraram que:⁴

- i. As três formas do mais-que-perfeito são mais frequentes do que o perfeito contrassequencial.
- ii. A forma composta do mais-que-perfeito é mais frequente do que a forma simples.
- iii. A forma com “haver” é mais frequente do que a forma com “ter”.

O fato das três formas do mais-que-perfeito serem mais frequentes

4 Paralelamente a este, estamos desenvolvendo um artigo no qual apresentamos os dados numéricos e descrevemos com mais detalhes os fatores morfossintáticos condicionantes. Nesta parte, nossa análise será pouco detalhada pois o maior intuito deste artigo é tratar das questões textuais.

do que o perfeito contrassequencial é compreensível, já que esse não é o valor canônico dessa última. Caso não esteja claro que está sendo usado com a função de mais-que-perfeito, o uso do perfeito pode causar ambiguidades e afetar o entendimento da narrativa. Verificamos que as formas compostas do mais-que-perfeito são mais frequentes do que a forma simples, no entanto, ao contrário do que imaginávamos, a diferença não foi tão grande e há equilíbrio entre as variantes⁵. Pode-se dizer que a forma simples, em desuso na modalidade falada, ainda tem espaço dentro da narrativa escrita. Quanto às formas do composto, o resultado nos mostrou que há predominância da forma com o auxiliar “haver” em relação à forma com o auxiliar “ter” e atribuímos esse fato ao maior grau de formalidade da primeira, portanto mais adequada a texto escritos.

Vejamos na sequência alguns exemplos de como as formas foram empregadas no corpus. Citaremos em linhas gerais alguns fatores morfossintáticos que condicionam o seu uso.

2.1 Mais-que-perfeito composto

Como vimos, as formas compostas do mais-que-perfeito foram mais usadas do que a forma simples, sendo que a forma com o auxiliar “haver” foi mais frequente do que a forma com o auxiliar “ter”. Vejamos alguns dos fatores morfossintáticos que motivaram essas ocorrências.

• Sujeito na 3ª. pessoa do plural

O sujeito na 3ª. pessoa do plural favoreceu o uso do mais-que-perfeito composto em 100% dos casos, em decorrência da convergência da forma do mais-que-perfeito simples com a do perfeito. Por exemplo, o verbo “declarar” é conjugado como “declararam” em ambos os tempos, podendo ser interpretado tanto como uma ação ocorrida no passado

5 A forma composta foi mais usada em 7 dos 13 capítulos do livro, enquanto a forma simples teve maior incidência em 5 capítulos. Em 2 capítulos a diferença foi de apenas 1 ocorrência e em 1 capítulo as formas apresentaram a mesma quantidade de ocorrências.

(perfeito) como uma ação ocorrida antes de uma outra também passada (mais-que-perfeito). Dessa forma, para se evitar a ambiguidade, usa-se a forma composta, como no exemplo abaixo.

- (1) Ela e o marido ②estavam hospedados no hotel local na ocasião e ①havam declarado seu desejo de se banharem, quando um vento frio começou a soprar.
- (1') Ela e o marido ①estavam hospedados no hotel local na ocasião e ②declararam seu desejo de se banharem, quando um vento frio começou a soprar.

No exemplo (1), entende-se que a ação “declarar” aconteceu antes de “estarem hospedados”, no entanto, se fosse usada a forma do mais-que-perfeito simples, que coincide com o perfeito, como dado em (1'), a ação poderia ser interpretada como realizada depois de já “estarem hospedados” no hotel.

• Presença de “ter” e “haver” como verbo principal

Observamos que quando “ter” e “haver” aparecem como verbo principal na mesma oração ou em um oração adjacente, a tendência é que se evite o uso do mesmo na posição de auxiliar. Vejamos alguns exemplos.

- (2) Havia colocado tudo que tinha nesse único tiro.
- (2') Entendam, já naquele momento havia uma coisa estranha. É claro que indaguei os pescadores sobre o que tinham visto. Havia testemunhas oculares.

Em (2), o verbo “ter” aparece na mesma oração como verbo principal, sendo assim, acreditamos que a forma com “haver” na posição de auxiliar tenha sido usada para evitar a repetição. Ao contrário, em (3), “haver” apareceu como verbo principal na primeira e na terceira

orações, sendo assim, a forma composta com “ter” foi a escolhida na segunda oração. Acreditamos que essas estratégias são aplicadas para facilitar a leitura do texto.

2.2 Mais-que-perfeito simples

Como já descrevemos, apesar de estar em desuso na modalidade falada, o mais-que-perfeito simples mostrou-se frequente dentro do nosso corpus. Como veremos posteriormente, isso acontece por motivações textuais, mas antes disso, apresentaremos alguns fatores morfossintáticos que condicionaram o seu uso.

• Perífrases de gerúndio

Notamos que nas perífrases verbais formadas por gerúndio, a forma simples foi mais usada do que a composta. O uso do mais-que-perfeito composto, como está abaixo de cada exemplo, faz com que as formas se tornem muito salientes, ou seja, muito marcadas morfologicamente e isso poderia dificultar a leitura e o entendimento do texto. Acreditamos, portanto, que o tipo de perífrase é um fator significativo na escolha da forma do mais-que-perfeito.

- (4) Sua mania fora se fortalecendo, e ela acreditava ser sua missão livrar o mundo de certas pessoas; possivelmente o que denominamos de mulheres perdidas.

Perífrase IR+gerúndio/ mais-que-perfeito composto: **tinha ido se fortalecendo/ havia ido se fortalecendo**

- (5) É óbvio que quando ouvi que eles comeram pavê de creme no jantar e que o marido andara escrevendo a alguém sobre centenas de milhares naturalmente juntei as duas coisas.

Perífrase ANDAR+gerúndio/ mais-que-perfeito composto: **tinha andado escrevendo/ havia andado escrevendo**

• **Advérbios de tempo**

Os advérbios também podem influenciar na escolha da forma verbal.⁶ Analisamos especificamente a influência dos advérbios “já”, “nunca” e “jamais” e vimos que esses favorecem o uso do mais-que-perfeito simples, assim como da forma composta, desfavorecendo o uso do perfeito.

O advérbio “já” desfavorece o uso do perfeito porque quando associados expressam obrigatoriamente um fato que simplesmente ocorreu antes do momento da fala e não um fato ocorrido antes de um ponto de referência situado no passado. Nas frases (6) e (7), o uso do perfeito mudaria a relação temporal expressa na frase.

- (6) Durante todo o mês anterior já estivera (passado do passado) de cama quase que de forma contínua e, agora, aumentava a possibilidade de tornar-se um inválido acamado, até o momento em que sua morte o libertaria. *já esteve (passado)
- (7) Soa muito como se estivessem dando um nome sujo ao cachorro, condenando o homem pelo seu passado. Kelvin já havia cumprido (passado do passado) pena na prisão. *já cumpriu (passado)

Os advérbios “nunca” e “jamais” também condicionam o uso do mais-que-perfeito, tanto o simples quanto o composto, pois quando associados ao perfeito, indicam uma situação que se estende até o momento da fala, até o qual o fato não se concretizou. Ao contrário do mais-que-perfeito, que expressa um fato que não havia sido concretizado antes do momento de referência mas que de fato aconteceu.

- (8) Eu nunca vira um homem tão envolvido com uma criança e não

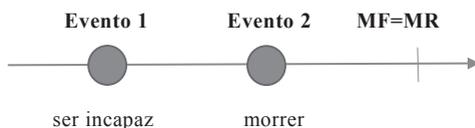
6 Coan (1997:128), a respeito do uso das formas verbais na expressão de anterioridade a um ponto de referência passado, afirma que *o pretérito mais-que-perfeito ocorre quando associado aos advérbios já e nunca e o pretérito perfeito quando associado a outros advérbios temporais*. Foi o que de fato verificamos no corpus.

tenho como descrever a vocês o sofrimento dele quando, aos onze anos de idade, a menina contraiu pneumonia e morreu. [de fato o eu “viu” no momento de referência]

- (9) Eu nunca tinha pensado na pobre sra. Pebmarsh. [de fato o eu “pensou” no momento de referência]
- (10) A esposa jamais sentira a menor desconfiança, até ele morrer, deixando todo seu dinheiro para uma mulher com quem ele andava morando e com quem tinha cinco filhos. [de fato a esposa “sentiu” desconfiança no momento de referência]
- (11) Ela jamais havia estado em uma delegacia antes, mas foram muito gentis com ela; muito gentis de fato. [de fato ela “esteve” no momento de referência]

Ao analisar o uso do mais-que-perfeito dentro do corpus, encontramos casos em que **não** expressa o sentido de anterioridade a um ponto de referência passado. Observe nas frases abaixo.

- (12) ① Era incapaz de engolir e ② morrera em poucos minutos.



- (13) ① Lutou contra a sensação, mas não ② conseguiu evitá-la.



Em (12), entende-se que “morrera” é um evento posterior a “era incapaz de engolir”. Enquanto em (13), “(não) conseguiu” é um evento posterior a “lutou”. Portanto, nos dois exemplos, o mais-que-perfeito não

está exercendo a sua função original, podendo ambos ser parafraseados pelas formas do perfeito canônico “morreu” e “(não) conseguiu”. Casos como esses corroboram com a nossa ideia de que o mais-que-perfeito possui funções além da marcação temporal, como descreveremos posteriormente.

2.3 Perfeito (contrassequencial)

Por sua vez, o perfeito também apareceu no corpus exercendo mais de uma função. Na maioria das vezes foi usado no seu sentido canônico, isto é, expressando um fato ocorrido antes do momento da fala, mas não anterior a um ponto de referência situado no passado. Vejamos alguns exemplos. Observe que as frases 15 e 16 confirmam o que explicamos anteriormente sobre o uso do perfeito associado aos advérbios “nunca” e “jamais”, que expressam uma situação que se estende até o momento da fala e não o passado do passado.

- (14) Três pessoas comeram um jantar que consistia, entre outras coisas, em lagosta enlatada.
- (15) Nunca vendi a pintura, mas também nunca olho para ela.
- (16) Jamais me arrependi da minha participação no caso levando aquele homem à justiça.

Mas o que mais nos importa são os casos em que o perfeito foi usado com o valor de mais-que-perfeito, como na frase abaixo.

- (17) Naturalmente ②contratamos mergulhadores para trabalhar em operações de resgate, mas o ouro ①desapareceu, sr. West.

Entende-se pelo contexto e sentido dos verbos que, na frase (17), o evento “desapareceu” foi realizado antes do evento “contratamos”, que é o ponto de referência situado no passado, sendo portanto substituível pelas formas “desaparecera”, “tinha desaparecido” e “havia

desaparecido”. Os verbos na oração aparecem na ordem contrária à real sequência dos fatos, que seria ①desapareceu→②contratamos. Baseados em Coan(1997) e Tenuta (2006; 2010), que usaram a expressão “perfeito com valor contrassequencial”, chamamos o perfeito usado dessa maneira de “perfeito contrassequencial”. As frases (18) a (20) são outros exemplos de perfeito contrassequencial, nos quais os verbos marcados com o número ① podem ser parafraseados pelo mais-que-perfeito.

- (18) É óbvio que quando ②ouvi que eles ①comeram pavê de creme no jantar e que o marido andara escrevendo a alguém sobre centenas de milhares naturalmente juntei as duas coisas.
- (19) Apesar de todos os esforços, entretanto, ela não ②resistira, mas sequer por um instante ele ①suspeitou que algo poderia estar errado.
- (20) Conseguimos a ordem e fizeram a autópsia, ou como quer que chamem isso, mas o resultado não ②foi tão satisfatório como ①imaginei que poderia ser.

Vimos que não existem fatores morfossintáticos que condicionem o uso do perfeito contrassequencial, mas, pelo contrário, fatores que o desfavorecem, já que apenas o contexto pode garantir que esta forma seja interpretada no sentido do mais-que-perfeito.

Passamos agora para a análise além do nível frasal. O contexto nos mostrou que há diferenças nas partes do enredo em que as formas são empregadas. Chamou-nos a atenção o fato de o mais-que-perfeito simples aparecer principalmente nas partes em que se relatam fatos relevantes ligados aos crimes e aos mistérios. Vejamos com detalhes nesta segunda metade do artigo.

3. Pressupostos teóricos

Feita a contagem e conhecendo as condições morfossintáticas em que

as formas são empregadas, resta-nos verificar quais são os fatores que motivam a escolha de uma das formas quando não existem elementos no nível frasal que justifiquem o seu uso. Por se tratarem de variantes de uma mesma variável, à exceção dos casos restritivos que descrevemos acima, as formas podem ser substituídas aleatoriamente umas pelas outras e supostamente não haveria necessidade de buscarmos regras. Mas analisando o corpus, percebemos que, além das circunstâncias morfossintáticas, o emprego das formas não é totalmente aleatório.

Notamos que, a cada capítulo, o mais-que-perfeito simples aparece concentrado em determinadas partes da narrativa, enquanto a forma composta aparece distribuída em todo o texto. Analisando os enredos, chegamos à conclusão de que os blocos em que se concentram a forma simples correspondem principalmente às partes “mais tensas” de cada narrativa, isto é, partes em que são narrados aspectos ligados diretamente ao crime ou ao mistério a ser desvendado. Por sua vez, o perfeito contrassequencial, assim como o mais-que-perfeito composto, apareceu em todo o texto mas vimos que isso aconteceu principalmente em partes “menos tensas”, ou seja, descrevendo fatos que não necessariamente estão ligados às soluções dos problemas.

Para defender a nossa hipótese, usaremos as teorias da metáfora temporal e da mudança de ponto de vista, as quais explicaremos a seguir.

3.1 Metáfora temporal

Segundo Weinrich (1964), a função do verbos não é simplesmente marcar o tempo cronológico, mas servem para situar o ouvinte quanto à situação comunicativa, isto é, o verbo sinaliza se um enunciado pertence ao “mundo narrado” ou ao “mundo comentado”. São atitudes comunicativas do mundo narrado aquelas em que o locutor (narrador) relata um fato sem se comprometer com o que está dizendo, permitindo que o interlocutor (ouvinte) ouça de forma passiva o que lhe é narrado. Por sua vez, fazem parte do mundo comentado, situações

comunicativas como os comentários, em que o locutor demonstra maior comprometimento com o que diz, fazendo com que o interlocutor tenha uma atitude mais ativa.

Weinrich estabelece dois grupos de tempos verbais: os tempos verbais do mundo narrado e os tempos verbais do mundo comentado. No português, de acordo com Koch (2003:54) são tempos do mundo narrado o perfeito simples, o imperfeito, o mais-que-perfeito, o futuro do pretérito e todas as locuções formadas por esses tempos e, do mundo comentado fazem parte o presente, o futuro do presente, o pretérito perfeito composto e todas as locuções verbais formadas por esses tempos.

Quando um tempo de um dos mundos é usado no outro, tem-se o que Weinrich definiu como “metáfora temporal”⁷. Por exemplo, o presente, originalmente tempo do mundo comentado, ao ser usado para narrar fatos do passado, faz aumentar o nível de tensão da narrativa, pois denota maior grau de comprometimento por parte do narrador e eleva o grau de veracidade do enunciado. É o que acontece nas manchetes de jornais, nas quais usa-se o presente para relatar fatos ocorridos.

Santos (2011:9,10), ao analisar o conto “O jantar” de Clarice Lispector, encontrou casos de metáfora temporal e exemplifica:

“Eu já ia cortar a carne de novo, quando o vi parar inteiramente. E exatamente como se não suportasse mais – o quê? Pega rápido no guardanapo e comprime as órbitas dos olhos com as mãos cabeludas.” (LISPECTOR, 1995, p.100).

Segundo Santos, as formas verbais “pega” e “comprime” são utilizadas para *retratar o momento mais importante da narrativa e é como se os fatos estivessem acontecendo no presente, no exato momento da leitura*. A autora (2011:6,7) explica que *os tempos do mundo comentado no*

7 Lembremos que “metáfora” é a transferência de uma palavra para um outro âmbito semântico, em que exerce uma função diferente da original.

interior do mundo narrado representam maior engajamento, atenção, tensão, seriedade e relevância ao fato apresentado. (grifo nosso). Parafraçando Weinrich, explica também as duas formas fundamentais das metáforas temporais: “*se comenta como se narrasse ou se narra como se comentasse*”.

Embasados nessas teorias, nesta pesquisa sugerimos que, assim como o presente usado metaforicamente dentro do mundo narrado, o mais-que-perfeito simples apresentou dentro do corpus a função de “aumentar o nível de tensão da narrativa”. Ao contrário do perfeito contrassequencial, que, como já descrevemos, apareceu principalmente nas partes “menos tensas” do corpus. Vejamos o diagrama 1.

Diagrama 1. Nível de tensão expresso

Presente	≠	Pretérito perfeito
[+tensão]		[-tensão]
Mais-que-perfeito simples	≠	Perfeito contrassequencial
+[tensão] ∴ [+tensão]		[-tensão]

O presente é um tempo do mundo comentado e possui o valor [+tensão]. Ao ser usado no lugar do pretérito perfeito, que possui o valor [-tensão], faz aumentar o nível de tensão da narrativa. Esse é o chamado uso metafórico. Paralelamente a essas formas, posicionamos o mais-que-perfeito simples e o perfeito contrassequencial. Dentro do corpus, o primeiro foi usado para elevar o nível de tensão da narrativa, enquanto o segundo, que possui o valor [-tensão], apareceu nas partes de menor tensão.

O mais-que-perfeito simples, por ser um tempo do mundo narrado, originalmente não possui o valor [+tensão], mas lhe atribuímos esse valor porque de fato foi o que vimos na nossa análise e representamos com o sinal +[-tensão], que se iguala a [+tensão]. Deixemos claro que, estamos tratando do mais-que-perfeito sendo usado dentro do

seu próprio mundo, portanto, nesse caso, seu uso não é exatamente metafórico; mas ao considerar que possui o valor [+tensão], podemos dizer que através dele é possível “narrar como se comentasse”. Assim o examinamos de forma semelhante ao presente metafórico. Para explicar essa ideia, utilizaremos a teoria da mudança de ponto de vista, a ser tratada na sequência.

3.2 Mudança de ponto de vista

Tenuta (2006), no seu estudo sobre a estrutura narrativa e os espaços mentais, explica que as interações linguísticas se desenvolvem sobre espaços mentais que são configurados por uma base, um foco, um evento e um ponto de vista. Ensina que:

Quem fala situa seu discurso numa base, assume um determinado ponto de vista, põe determinado evento em foco e realiza mudanças constantes nessa configuração. E os participantes da interação têm de acompanhar a dinâmica desse processo: perceber as alterações locais e manter a perspectiva do todo. Tenuta (2006:99)

Em outras palavras, os eventos são narrados a partir de um ponto de vista determinado pelo narrador, que pode mudá-lo constantemente e dessa forma controlar as atitudes do ouvinte. Isso nos leva a entender o porquê de o narrador conseguir determinar se a atitude do ouvinte será mais ou menos ativa ao fazer uso da metáfora temporal. Ao usar o presente para relatar um fato passado, o narrador transfere o seu ponto de vista do momento da fala para o momento do evento, e narra como se estivesse vendo o fato acontecer na sua frente. Assim demonstra maior comprometimento e aumenta o nível de tensão da narrativa e, conseqüentemente, ao acompanhar essa dinâmica, o ouvinte toma uma atitude mais tensa. Ao usar o pretérito perfeito, o ponto de vista é situado no momento da fala e distante do momento do evento, o que justifica o menor comprometimento e o menor nível de tensão. Veja nos

diagramas.

Diagrama 2. Presente

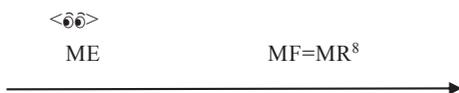
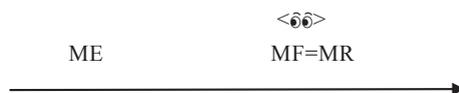


Diagrama 3. Pretérito perfeito



O mesmo acontece entre o mais-que-perfeito simples e o perfeito contrassequencial.

Diagrama 4. Mais-que-perfeito simples

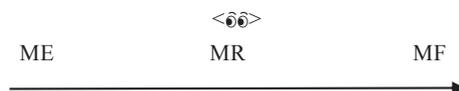
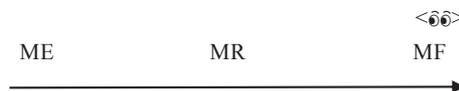


Diagrama 5. Perfeito contrassequencial



Como representado no Diagrama 4, ao usar o mais-que-perfeito, o narrador transfere o seu ponto de vista do momento da fala para o momento de referência, onde já esteve uma vez. Narra como se voltasse ao momento passado (MR) e lembrasse que soube naquele momento que o evento já havia acontecido. Dessa forma se coloca como um

8 ME: momento do evento; MF: momento da fala; MR: momento de referência.

participante do caso, aumentando a veracidade da narrativa. Narra como se comentasse e aumenta o nível de tensão da narrativa. Em contrapartida, ao usar o perfeito contrassequencial, o narrador mantém o ponto de vista situado no momento da fala, narrando do “agora”, sem se transpor para um momento de referência do passado, que não é levantado nesse caso.

A afirmação de Nunes (1995:23) de que “*o tempo linguístico dependerá do ponto de vista da narrativa, seja da visão onisciente ou impessoal, de proximidade ou de participação do narrador sobre as personagens, seja de sua visão identificada com um deles.*” corrobora com a nossa ideia. Ao se colocar mais ou menos próximo do evento, o narrador dá comandos de como quer que o ouvinte aja em relação ao que fala.

4. Diferenças de uso entre mais-que-perfeito simples e perfeito contrassequencial

Nesta parte, escolhemos as histórias dos capítulos 5 e 10 para exemplificar as diferenças de uso entre o mais-que-perfeito e o perfeito contrassequencial.

• Capítulo 5 – Motivo x oportunidade

Este conto trata da história de um homem muito rico que tinha um carinho especial pela neta, que acaba por falecer. Entristecido, deixa-se enganar por uma suposta médium que diz ser capaz de se comunicar com o espírito da falecida menina. O homem passa a ter grande apreço pela médium e escreve um testamento deixando a maior parte de sua herança para a mulher, o que causa grande preocupação na família. Depois da morte do homem, o envelope com o testamento é aberto e descobrem um papel em branco. O mistério a resolver é “O que teria acontecido com o testamento escrito pelo avô?”

Nos trechos abaixo observamos uma maior concentração do mais-que-perfeito simples, comparado a outras partes. São trechos em que

o narrador explica fatos relevantes ou dá informações que servem de pistas para a solução do caso.

(21) Era um homem de uma riqueza considerável e morava num casarão não muito longe daqui. Ele tinha um filho que **morrera** na guerra e **deixara** uma criança, uma menininha. A mãe dela havia morrido durante o parto e, após a morte do pai, a criança **fora** morar com o avô, que de imediato **ficara** fortemente apegado a ela. A pequena Chris fazia o que queria do avô. Eu nunca **vira** um homem tão envolvido com uma criança e não tenho como descrever a vocês o sofrimento dele quando, aos onze anos de idade, a menina contraiu pneumonia e morreu.

No trecho (21), todos os verbos em negrito poderiam ser substituídos pelo perfeito, assim como aparecem os verbos grifados “contraiu” e “morreu”. Esses dois últimos são fatos que aconteceram depois de todos os outros, portanto, mesmo que os demais (em negrito) não estivessem na forma do mais-que-perfeito, seriam todos interpretados como fatos sequenciais: **o filho morreu** → **deixou uma criança** → **a criança foi morar com o avô** → **que ficou apegado a ela** → a menina contraiu pneumonia → e morreu. O mais-que-perfeito está sendo usado então para destacar as informações. Mais do que o fato de a menina ter contraído pneumonia e morrido, as informações são relevantes porque explicam a relação do avô com a neta, a raiz do problema com o testamento. O narrador transfere o seu ponto de vista para o momento de referência e narra como se comentasse, destacando as informações que sabe serem relevantes.

Depois do mistério ser colocado para os ouvintes, o mesmo narrador explica as condições em que havia estado o testamento até que descobrissem que estava em branco. O narrador quer que os ouvintes prestem atenção para que possam desvendar o caso. As frases com sublinhado duplo nos mostram que fatos importantes serão narrados. O

narrador transfere o seu ponto de vista para o passado, quando estava envolvido no caso, e narra como alguém que de fato viu tudo acontecer. Dessa forma, demonstra maior comprometimento e narra como se comentasse os fatos.

- (22) Vocês compreendem o significado disso, não é? Por dois meses o envelope selado **estivera** dentro do meu cofre. Não pode ter sido adulterado nesse período. Não, o tempo limite para uma ação desse tipo **fora** muito curto desde o momento em que o testamento **fora** assinado até que fosse trancado no cofre. Agora, quem teria tido a oportunidade de fazer isso, e para servir aos interesses de quem? Recapitulemos os pontos vitais em uma breve síntese: o testamento **fora** assinado pelo sr. Clode e colocado por mim em um envelope. Até aí, tudo bem. **Fora** então guardado por mim no bolso do meu sobretudo. Aquele sobretudo **fora** retirado de mim por Mary, que o entregou a George, que estava o tempo todo no meu campo de visão enquanto manuseava o casaco.

Já no trecho abaixo, encontramos casos em que foi usado o perfeito contrassequencial. O narrador conta que um dos sobrinhos do velho homem contratou um cientista para tentar detectar fraudes no trabalho da suposta médium. Os verbos sublinhados podem ser substituídos pelo mais-que-perfeito, mas as informações que carregam parecem não ser tão relevantes para a solução do mistério, não havendo necessidade de destacá-las. Nelas o narrador está “apenas contando algo”.

- (23) Longman era um cientista do primeiro escalão, um homem cuja associação com o espiritismo obrigou o assunto a ser tratado com respeito. Não era apenas um cientista brilhante; era um homem da mais alta retidão e probidade. O resultado da visita foi o mais desafortunado possível. Parece que Longman **dissera** muito pouco enquanto **estivera** lá. Fizeram duas sessões espíritas, sob que

condições eu não sei dizer. Longman não se comprometeu durante todo o tempo em que esteve na casa, mas, após sua partida, escreveu uma carta para Philip Garrod. Nela, admitiu que não **conseguiu** detectar fraude na sra. Spragg; no entanto, sua opinião pessoal era de que os fenômenos observados não haviam sido genuínos.

• Capítulo 10 - Uma tragédia de Natal

Este capítulo conta a história de uma mulher, a sra. Sanders, que é assassinada pelo próprio marido. Miss Marple, narradora neste conto, esteve envolvida como testemunha no caso e conta aos ouvintes o acontecido.

No trecho abaixo descreve e explica os fatos que antecederam o crime. Esses fatos narrados são pistas que depois ajudam a desvendar o problema. A narradora esteve presente no momento de referência, para onde transporta seu ponto de vista, e dali narra como se comentasse os fatos que sabe serem relevantes. A frase com sublinhado duplo deixa clara a intenção da narradora de convidar os ouvintes a terem uma atitude mais atenta, portanto mais tensa.

(24) Bem, imagino que vocês gostariam de saber quais eram os fatos em si. A sra. Sanders, como sabem, **passara** a tarde jogando bridge com alguns amigos, os Mortimer. Ela os **deixara** em torno das seis e quinze. Da casa daqueles amigos até a Hidro era uma caminhada de mais ou menos uns quinze minutos; talvez menos, se a pessoa estivesse apressada. Deve ter chegado, então, em torno das seis e meia. Ninguém a viu chegar, portanto deve ter entrado pela porta lateral e subido para o quarto. Lá, **trocara** de roupa (o casaco e a saia marrom-acinzentados que **usara** para o jogo de bridge estavam pendurados dentro do armário) e estava, é claro, se preparando para sair de novo quando **fora** golpeada.

No próximo trecho são narrados os movimentos do assassino. A frase com sublinhado duplo evidencia o desejo da narradora de que os ouvintes prestem atenção no que será narrado. Observe que os verbos no mais-que-perfeito simples podem ser substituídos pelo perfeito contrassequencial, mas isso faria com que as informações dadas se apagassem no meio das outras.

(25) Agora, os movimentos do sr. Sandres. Saíra, como eu havia dito, em torno das cinco e meia ou pouco depois disso. Fez compras em alguns estabelecimentos e, em torno das seis da tarde, entrou no Grand Spa Hotel, onde encontrou dois amigos- com os quais retornaria mais tarde para a Hidro. Jogaram bilhar e, imagino, tomaram juntos alguns vários uísques com soda. Esses dois homens (Hitchcock e Spender eram os nomes deles) estiveram de fato com ele o tempo inteiro a partir das seis da tarde. Foram a pé com ele para a Hidro, e se separaram apenas quando ele encontrou a mim e a srta. Trollope. Aquilo, como relatei, **fora** em torno das quinze para as sete- momento em que sua esposa já deveria estar morta. Devo dizer que falei eu mesma com esses dois amigos dele. Não gostei dos dois. Não eram homens nem agradáveis nem cavalheirescos, mas fiquei bem certa de uma coisa: de que falavam a mais absoluta verdade quando diziam que Sanders **estivera** o tempo inteiro na companhia deles.

Já no trecho abaixo, em que a narradora conta que já desconfiava de uma possível tentativa de assassinato por parte do marido e que tentou alertar a vítima, o verbo grifado está no perfeito contrassequencial e poderia ser substituído pelo mais-que-perfeito. Mas relata uma informação não diretamente ligada ao crime, portanto, não haveria necessidade de colocá-la em destaque. A narradora narra mantendo o ponto de vista no momento da fala.

(26) Indaguei cuidadosamente se havia uma sacada - perigosas, essas sacadas. Basta um empurrão... e já sabem! Fiz a moça prometer não sair para a sacada; disse que foi um sonho que tive. Isso deixou-a impressionada - superstições podem ser muito úteis às vezes.

Dessa forma, pudemos ver que o mais-que-perfeito simples sinaliza momentos tensos da narrativa e é como se ouvissem “rufadas de tambores” nas partes em que aparece. Por outro lado, o perfeito contrassequencial traz relatos menos relevantes, que se dissipam no meio de outras informações.

5. Considerações finais

Neste trabalho analisamos o uso das formas do mais-que-perfeito e do perfeito contrassequencial e mostramos que, além de fatores morfossintáticos, fatores textuais como a função sociocomunicativa dos tempos verbais, podem favorecer a alternância entre as formas.

Verificamos que no corpus analisado o mais-que-perfeito simples foi usado para elevar o nível de tensão da narrativa e explicamos que essa é uma estratégia semelhante ao uso metafórico do presente usado para narrar fatos do passado. Ao usar o mais-que-perfeito simples, o narrador narra como se comentasse e isso se explica pela mudança do ponto de vista por parte do narrador, que se coloca como alguém que de fato viu a situação a partir do momento de referência. O mais-que-perfeito simples possui então o valor [+tensão]. Podemos dizer que este é um valor especial atribuído ao mais-que-perfeito simples, já que está em desuso na língua falada e precisa competir com o mais-que-perfeito composto e o perfeito contrassequencial na língua escrita.

Referências bibliográficas

- CHRISTIE, A. *Os Treze Problemas*. (Tradução de Petrucia Finkler). Santa Maria: L&PMPocket, 2011.
- COAN, M. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que-) perfeito*. (dissertação de mestrado). Florianópolis: UFSC, 1997.
- COAN, M. ; FREITAG, R. M. K. Usos dos pretéritos perfeito, imperfeito e mais que-perfeito em contextos de variação: contribuições para o ensino de Língua Portuguesa. In *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. v. 6. Rio de Janeiro: UFRJ, 2012. pp. 225-242.
- CUNHA, C. ; CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: JSC, 2005.
- GONÇALVES, C. A. V. Falara-se mais-que-perfeito: estudo presente do tempo pretérito. In *Alfa*. 37. São Paulo, 1993. pp. 135-142.
- KOCH, Ingedore Villaça. *Argumentação e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- _____. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MARTINS, K. C. A variação entre o pretérito mais-que-perfeito simples e composto em textos jornalísticos. In *Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários*. v. 8. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. pp. 397-413.
- NUNES, B. NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- SANTOS, A. M. ; ALOMBA RIBEIRO, Maria D’Ajuda. Metáfora temporal no mundo narrado: função sociocomunicativa dos verbos. *Inventário* (Universidade Federal da Bahia), v. 8, p. 1-14, 2011.
- TENUTA, A. M. *Estrutura narrativa e espaços mentais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- TENUTA, A. M; MOREIRA, L. ; LEPESQUEUR, M. Uma análise cognitiva do valor contrassequencial do Pretérito Perfeito do

Indicativo. In *SCRIPTA*, v. 14. n. 26, Belo Horizonte, 2010. pp. 117-130.

WEINRICH, H. *Jiseiron Bungaku tekusuto no bunseki*. (em japonês)
Tóquio: Kinokuniyashoten, 1964.